O CICLO DE MORTE DA PERSONAGEM PROSTITUTA

Zilda Dourado Pinheiro
Universidade Federal de Goiás

Resumo: o presente trabalho é um recorte de uma pesquisa de iniciação científica que analisa o imaginário presente em dois contos literários com personagens prostitutas. O conto apresentado nesse trabalho se chama *Mortos-vivos* de Adeline da Silveira Barros (2008). A análise será feita a partir da teoria de imaginário formulada por Gilbert Durand e categorizada no livro *Estruturas antropológicas do imaginário* (2002). Esse trabalho nos permite entender como a literatura constrói uma realidade de marginalidade, e como uma análise que parte da junção das disciplinas lingüística, literatura e imaginário enriquece o trabalho científico na área de letras e lingüística.

Palavras-chave: Prostituição, Imaginário, Conto.

I - A Teoria de estudo do imaginário

A teoria do imaginário foi formulada por Gilbert Durand a partir dos estudos de Gaston Bachelard sobre o imaginário e a poética. Para definir então imaginário vamos partir do conceito que foi dicionarizado. O *Mini Aurélio dicionário da língua portuguesa* (2008) apresenta a seguinte definição de imaginário:

Imaginário: *adj.* **1.** que só existe em imaginação; ilusório; irreal; fantástico. *Sm.* **2.** As idéias, crenças, símbolos e opiniões de uma pessoa ou grupo. **3.** Aquele que faz imagens de santos, santeiro. (FERREIRA, 2008, p.461).

Dessa definição dicionarizada o item que mais se aproxima do proposto por Durand é o segundo. Principalmente porque envolve a palavra símbolo. Assim, para Durand, o imaginário é um arcabouço de imagens psicológicas, sociais, individuais e fisiológicas que permitam ao ser humano significar, tanto sua essência como o meio em que vive. Esse arcabouço não é estático está em constante dinamização, uma vez que as imagens são criadas e recebidas a todo o instante. E é essa dinamização que constitui a nossa imaginação. Assim, o conceito de imaginário admite a concepção de senso comum e do dicionário, uma vez que ele também engloba o devaneio, o fantástico; e essas idéias, crenças, e símbolos são dinamizadores, expressões de imagens que significam o ser humano e o subjetiva em seu meio.

O imaginário, nessa perspectiva, pode ser considerado como essência do espírito, á medida que o ato de criação (tanto artístico, como o de tornar algo significativo), é o impulso oriundo do ser (individual ou coletivo) completo

(corpo, alma, sentimentos, sensibilidades, emoções...), é a raiz de tudo aquilo que, para o homem, existe. (PITTA, 2005, p.15).

Por isso, podemos entender que estudar o imaginário é apontar e caracterizar a essência significativa de humanidade presente em determinado objeto (pintura, música, filme, propaganda, artigos de opinião, etc). Na literatura, esse estudo consiste em apontar as significações da narrativa no imaginário do texto, e como que cada personagem é subjetivado dentro desse arcabouço de imagens com suas angústias e anseios. É basicamente esse o objetivo desse trabalho. Analisar o imaginário de um conto com personagem prostituta para entender como essa personagem é elaborada e significada dentro da literatura com suas angustias e anseios. Desse modo, são apontados a partir das estruturas sintáticas, morfológicas e semânticas, os símbolos presentes pois eles são expressões do imaginário, e nos apresentam as imagens que compõem o texto.

Assim, nessa exposição apresentaremos o ciclo temível da morte presente no conto *Mortos-vivos* de Adeline da Silveira Barros. É um relato de vida de uma prostituta, Berenice Ferreira codinome Mônica Fontes, ao seu advogado de defesa depois de cometer um homicídio. Ela conta como foi abusada e vendida para o tráfico de mulheres ainda adolescente pelo pai, os onze anos que trabalhou na Espanha como prostituta, e a volta para o Brasil quando enfim matou o pai e vingou-se.

II – O percurso temporal da morte na personagem prostituta

Gilbert Durand, em seu livro *As estruturas antropológicas do imaginário* (2002), categoriza as imagens em dois regimes. O regime diurno é o das antíteses, é uma constelação de imagens que aparecem com os significados em disjunção. É o regime que coloca em oposições a luta, ascensão, o dia; da queda, da regressão, da noite. No regime diurno tudo que é certo, bonito, positivo é da luz; e tudo que é errado, negativo, angustiante é da noite. No regime diurno, o bem é a vida, a luta pela vitória, o herói que conquista pela espada; o mal é a morte, a queda, a regressão para animalidade, a escuridão que traz o medo e a angústia. É nesse regime que se expressa a angústia da mudança do tempo, da animalidade humana e da morte. Os símbolos neste regime são classificados em teriomórficos, relacionados à animalidade; nictomórficos, relacionados

á temporalidade, e catamórficos, relacionados á queda sexual e digestiva. Abaixo se tem a relação da ocorrência desses símbolos no conto analisado:

Regime diurno Conto: <i>Mortos – vivos</i>		
Símbolos Teriomórficos (angústia diante da mudança do tempo, do destino e da morte)	Símbolos nictomórficos (angústia diante do devir, das trevas)	Símbolos Catamórficos (angústia diante da queda interior – sexual e digestiva)
Merda Porra Sol 5x – isomorfo do cavalo – alaranja o céu Pererecas Baratas Grito Fogo (chegar se é aqui mesmo) – queimar – 2x Porco morto Urubus Lebres feridas Ovelhas degoladas Rugido de fera – isomorfo do cavalo Burro Rato Asas Serpenteando réptil	Sangue 3x – no primeiro sangramento – 2x – no momento do estupro 2x – depois do estupro 2x Sombras de urubus Hálito fedido da água,	Menstruação Boca 3x

No conto *Mortos-vivos* as três principais angustias do regime diurno expressos anteriormente fazem com que esse regime seja predominante na narrativa. Começamos falando então do percurso temível da morte presente nesse conto. Durand (2002) dedica várias páginas de seu livro *As estruturas antropológicas do imaginário* para explicitar a simbologia do cavalo. De acordo com ele, o cavalo tem a mesma simbologia das trevas e do inferno. É o mensageiro da morte, expressa a angústia diante da mudança, da morte e da fuga do tempo.

No conto *Mortos-vivos* aparecem símbolos que são isomorfos (mesma forma e significado) ao cavalo: o sol, por exemplo, é isomorfo do cavalo porque os dois simbolizam o tempo. Representam o percurso temível do tempo e da morte. O sol é o expoente da seca e da fome que em algumas narrativas são simbolizadas pelo cavalo enquanto percurso solar. Nessa narrativa esse símbolo aparece cinco vezes:

[...] O sol alaranja o céu, ensangüentando o início da noite [...] (BARROS, 2008, p.131).

[...]O sol ainda é quente e eu sou muito [...] (BARROS, 2008, p.133).

[...] O sol vai desaparecendo, deixando o céu manchado de roxo e de vermelho. [...] (BARROS, 2008, p. 135).

[...] Nos dias que a mulher não vem fico deitada, acompanhando a trajetória do sol. Seguro minha cabeça com força e digo não pensa, não pensa. Mas no pensamento ninguém manda, nem a cabeça onde eles são fabricados. Aí eu penso como é que o sol ainda tem disposição pra iluminar esse mundo tão horrendo? Se eu fosse, fazia greve, não iluminava porra nenhuma. (...) (BARROS, 2008, p. 137).

[...] O sol ia se pondo, enchendo o céu de manchas roxas e vermelhas [...] (BARROS, 2008, p. 140).

O primeiro trecho acima aparece no momento em que a narradora conta a descoberta da sua menarca. O sol aqui marca o fim de uma trajetória infantil, e o início do ciclo de violência que a narradora vai passar a partir de então. O segundo trecho aparece quando o pai está empurrando a narradora ainda criança para um lote baldio onde acontece o estupro, fechando o ciclo iniciado pela menarca. O terceiro aparece depois do estupro em que a narradora conta o que sentiu instantes depois de ser violentada, a morte de seu espírito, de seu corpo, iniciando o ciclo da morte da mulher, da humana, para o despontar da prostituta. O quarto trecho representa um questionamento se esse sofrimento que a narradora está passando terá fim, quando ela afirma acompanhar a trajetória do sol; e também um questionamento sobre a relação entre o sol e a morte. O astro que traz consigo a degradação, que ilumina a violência. E

o último aparece no momento em que a narradora relata como assassinou o próprio pai, fazendo a sua vingança; o sol aqui fecha o ciclo da prostituição e inaugura a fase de alívio da narradora que se vingou do pai abusador. Isso prova o significado do sol enquanto simbologia isomorfa do cavalo representando o percurso do tempo e da morte.

Em *Mortos-vivos*, existe todo um percurso temporal da morte da personagem prostituta. Mostra todo o processo de morte da mulher para ter a prostituta e uma sugestão de superação. Também é possível perceber nessa análise a polissemia de sentidos que os símbolos têm, pois que o sol sendo um símbolo de temporalidade categorizado como nictomórfico está bem ligado ao cavalo, símbolo teriomórfico, nos mostrando toda a movimentação dessas imagens de morte e mudança dentro do regime diurno.

III - O ciclo de quem morre e continua morrendo

O ciclo de morte, apresentado nessa breve análise, foi escolhida para esse trabalho porque representa a maior angústia da narradora desse conto. Ela foi morta duas vezes e continuou vivendo. A morte da infância e depois a morte violenta da humana, da mulher. É a partir desse ciclo que os outros símbolos aparecem. Por exemplo, o sangue aparece em todos os momentos de morte da narradora (na menarca, no estupro, e no final dele), simbolizando a queda. A queda interior dos símbolos catamórficos, o sangue menstrual (Durand, 2002) representa uma conversão do sangue feminino e ginecológico para o sangue sexual carnal com valores negativos. O sangue nesse conto é a desmoralização da narradora representada pelo pecado da fornicação (prostituição). Essa queda interior, vivida pela menarca, e pelo estupro estão simbolizadas no sangue, que é um elemento de morte da narradora.

O título do conto é justificado por isso. *Mortos-vivos* são todas as pessoas que sofreram alguma violência que matou a sua humanidade. A prostituta, o estuprador, o miserável, o traficante, todos esses seres marginais que aparecem no conto são exemplo de pessoas que perderam a humanidade, o ser humano que existia dentro deles. E o estudo do imaginário propicia essas reflexões, pois se alcança a essência da narrativa e a mensagem que aquele texto nos tem a dizer. E assim, a literatura como uma realidade criada se mostra quase como um espelho da humanidade. Nosso narcisismo mais sórdido.

Referências bibliográficas

BARROS, Adelize da Silveira. *Camumbembe*. Goiânia: Cãnone editorial, 2008.

DURAND, Gilbert. *Estruturas antropologias do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PITTA, Daniele Perin Rocha. *Introdução á teoria do imaginário de Gilbert Durand*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.